

41º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

SPG 16 – GÊNERO E POLÍTICA

“Política é coisa de homem” versus “Eu confio mais na mulher”: reflexões sobre o comportamento eleitoral de mulheres idosas em Fortaleza – CE.

Autora: Carla Beatriz Raulino Marques – Mestranda em Sociologia - UFC
Coautora: Lara Virgínia Saraiva Palmeira – Mestre em Antropologia - UFPE

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir o comportamento eleitoral de mulheres idosas na cidade de Fortaleza (Ceará), na faixa etária entre 60 a 95 anos, com ênfase nas percepções das senhoras sobre o gênero dos candidatos e o papéis sociais destinados ao homem e à mulher na arena política brasileira.

Os idosos são sujeitos que presenciaram diversos contextos políticos nas últimas décadas: acompanharam o período da ditadura militar, o processo de redemocratização do país, bem como participam da consolidação e das tensões políticas presentes na recente democracia brasileira. E ainda testemunham nos dias de hoje o controverso impeachment de Dilma Rousseff e a transição para o governo de Michel Temer. Tais sujeitos apresentam ainda uma perspectiva relevante acerca da política, pois carrega em si o “olhar” de uma geração específica, constituída de valores, crenças e modos particulares de enxergar o cenário político, e que, ainda que não seja distante em termos temporais, apresenta diferenças significativas com relação às gerações posteriores. Isto não significa, entretanto, que eles não tenham amadurecido e acompanhado o desenrolar do tempo e da história; significa, na verdade, as possibilidades que os mesmos possuem de comparar a realidade atual com as memórias das quais dispõem, utilizando das suas experiências de vida.

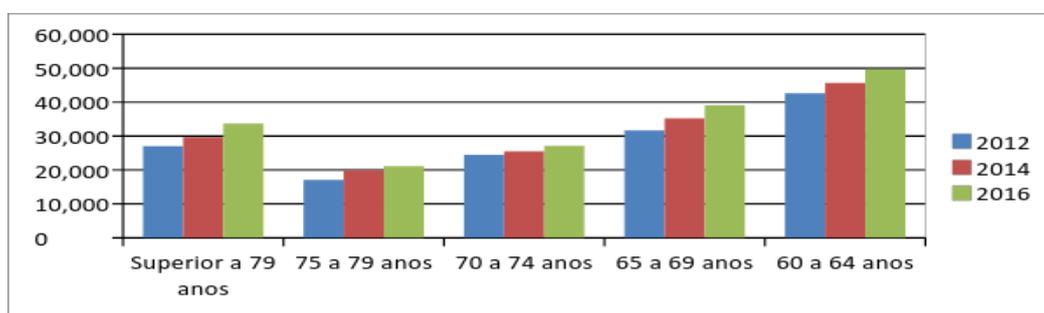
No caso dessa pesquisa, detivemos nossa atenção para a mulher idosa e as maneiras como o “ser mulher” interferem em alguns traços do seu comportamento eleitoral. Justamente esse “ser mulher”, que tanto tem sido alvo de debates nas últimas décadas, e que sofremos na pele essas mudanças no comportamento e na mentalidade. Sobre uma das questões mais proeminentes ao se referir sobre a temática gênero e comportamento eleitoral, a associação entre a mulher e a esfera privada e o homem e a esfera pública, o feminismo vem questionando grande parte das teorias políticas que posiciona a esfera da família e a vida pessoal separada e distintamente do restante da vida social. A crítica feminista vem debatendo ainda em temas como o aparente desinteresse feminino pela política, o silêncio sobre a atuação pública das mulheres e a reprodução de

estereótipos de gênero, já que essa própria categoria está nas definições assumidas pela oposição público-privada (BIROLI, 2010).

Assim, em mais uma tentativa de compreender mais a fundo tais nuances sobre gênero e comportamento eleitoral, surgem os seguintes questionamentos nesse momento: Qual o sentido do voto para as idosas? A eleitora idosa prefere votar em candidatos que sejam homens ou mulheres? O gênero do candidato exerceria alguma influência na escolha do voto? Estas são algumas questões que pretendemos refletir neste artigo. A questão da não-obrigatoriedade em algumas delas também torna a pesquisa mais interessante no sentido de observar as motivações daquelas que não relegaram o hábito de ir às urnas.

A pesquisa contextualiza-se no cenário de envelhecimento da população brasileira e, conseqüentemente, com o crescimento do número de eleitores idosos que comparecem às eleições, conforme divulgou o Tribunal Superior Eleitoral¹. Paralelamente ao envelhecimento da população, está ocorrendo o fenômeno intitulado “feminização da velhice” (ARAUJO; COUTINHO; CARVALHO, 2005), ou seja, entre os idosos, as mulheres representam a maioria. Segundo pesquisa do PNAD, em 2013, os idosos já representavam 13% da população brasileira (26,1 milhões) e as mulheres idosas somavam 51,5% da população idosa no país, ao passo que a porcentagem dos homens é de 48,5% na mesma faixa etária.²

Comparando a quantidade³ de eleitoras idosas em Fortaleza, nas três últimas eleições (2012, 2014 e 2016), percebe-se o acréscimo do número de senhoras que votam.



¹ Fonte: <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2014/Julho/presidente-do-tse-anuncia-aumento-de-5-17-do-eleitorado-brasileiro>.

² Dados disponibilizados: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/09/idosos-ja-sao-13-da-populacao-e-pais-tem-menos-criancas-diz-pnad.html>

³ Dados disponíveis em: www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas

Fonte: TSE. Gráfico elaborado pelas pesquisadoras.

A pouca atenção dada à mulher idosa reflete a subestimada importância dos estudos que avaliam com mais profundidade seus anseios, suas opiniões e a própria influência de seu voto nas eleições. Sobre tal fato, comenta Salgado (2002):

É difícil entender a falta de atenção aos problemas da mulher idosa quando vemos que a transformação social e econômica que acompanha o envelhecimento de uma sociedade está relacionada particularmente com a mulher. A mesma sociedade que cultua o jovem e enfatiza a importância do homem faz com que se preste pouca atenção à mulher idosa. (SALGADO, 2002, p.17)

É também na tentativa de preencher parte dessa lacuna, que essa pesquisa está sendo formulada. De natureza qualitativa e quantitativa, ocorreu em duas etapas. Inicialmente, seu campo empírico foi duas entidades que atendem pessoas idosas em Fortaleza. Estes locais são grupos de convivência e socialização para a “terceira idade” que reúnem, em sua grande maioria (99%), a presença de mulheres - fato que em si se constitui como interessante objeto de estudo. As entidades escolhidas foram o FECAPPES CLUB e o Programa Gente de Valor⁴.

O FECAPPES é uma entidade filantrópica que assiste, há 27 anos, idosos carentes. Semanalmente, 80 idosos, dos quais 78 são mulheres e dois são homens, se reúnem e participam de cursos de artesanato, português, palestras e momentos de oração. O Programa Gente Valor, criado em 2001 pela Prefeitura de Fortaleza, tem por finalidade assistir aos servidores aposentados que contribuíram com a administração pública municipal. O Programa oferece aos participantes feirinhas de artesanato, cursos de idiomas e informática, exercícios físicos e terapia comunitária. As mulheres representam, similarmente, a maioria dos servidores atendidos.

Apesar das atividades desenvolvidas pelas duas entidades serem semelhantes, elas se distinguem quanto ao seu público. As idosas que frequentam

⁴ O critério de escolha dessas entidades foi a facilidade de acesso, pois uma das pesquisadoras já exercia trabalho voluntário na entidade FECAPPES, bem como conhecera ações desenvolvidas pelo Programa Gente de Valor.

o Programa *Gente de Valor* possuem maior renda e escolaridade do que as mulheres que participam do FECAPPES, pois estas apresentam baixo nível de instrução ou são analfabetas, e vivem em condições de pobreza e vulnerabilidade social⁵. Uma pesquisa de campo comparada com as mulheres idosas que frequentam os dois grupos de convivência nos permite apreender relevantes informações acerca das representações da cultura política e do comportamento eleitoral das mulheres idosas.

Foram realizados quatro entrevistas e dois grupos focais nas duas entidades. Foi possível observar, por meio de questões abertas e semiestruturadas, a opinião das idosas em profundidade, bem como as falas e as expressões subjetivas destas em ambientes de interação com outras senhoras. A seleção para a amostra de idosas com idade entre 60 a 95 anos, ou seja, com faixa etária inferior e acima de 70 anos, é uma estratégia para que se possa analisar se há alguma diferença em como estas mulheres enxergam o ato de votar e papel dos homens e das mulheres na política, entre aquelas cujo voto ainda é obrigatório e entre as senhoras que já encontram-se isentas desta obrigação legal.

As entrevistas e os grupos focais ocorreram nos meses de agosto a setembro de 2016, no período das campanhas eleitorais para a Prefeitura de Fortaleza. Foi também o mesmo período em que fora aprovado o processo de impeachment da Ex-presidenta Dilma Rousseff. Dessa forma, tais datas foram mais que propícias para que as idosas pudessem expor suas ideias e opiniões acerca da política devido ao próprio momento de instabilidade que o país estava (está) atravessando.

Após a observação e a análise do discurso das interlocutoras, foi necessário estender a investigação para outros locais de Fortaleza, pois apesar das idosas responderem nos grupos focais e entrevistas que “confiavam na mulher”, não era possível ainda afirmar se este posicionamento seria o predominante na cultura política das senhoras residentes em Fortaleza.

Deste modo, a pesquisa prosseguiu com a aplicação de questionários em 39 bairros de Fortaleza, com idosas na faixa etária entre 60 a 95 anos, a fim de

⁵ Informações coletadas na pesquisa de campo, que está em andamento.

que a opinião das idosas sobre questões ligadas a escolha dos candidatos e o fato de serem homem ou mulher, comparadas em maior escala e analisadas estatisticamente, revelasse as suas preferências subjetivas no ato de votar e quais variáveis (renda, escolaridade, idade, entre outras) poderiam explicar este comportamento.

A pesquisa mais ampla, que envolve as variáveis acima citadas, encontra-se em andamento. Assim, os resultados aqui expostos constituem-se enquanto primeiras análises das etapas qualitativa e quantitativa da pesquisa já realizadas.

APRESENTANDO NOSSAS PERSONAGENS

Fátima, 67 anos

“Enquanto eu estiver viva, pra ir votar, nem que tenha 100 anos”, é assim que Fátima respondeu se gostava de votar. “Eu adoro. Eu gosto de fazer tudo na rua”, afirmou. Ela nos descreve a eleição como um dia muito bom, como um momento de lazer, quando todos ficam no meio da rua. Voto, para ela, é alegria e divertimento. Danada, sair para a rua é um prazer para Fátima. Brincando no mundo, conversando com os amigos. Percebe-se, então, na sua fala, o caráter lúdico das eleições, onde ela deixa revelar as interações de sociabilidade que esses dias proporcionam.

Não costuma votar em candidato com poucas chances de se eleger, porque teria seu voto “perdido”. Acredita que tem que votar em quem está lá em cima.

Augusta, 77 anos

Entre as quatro entrevistadas, Augusta foi a única que declarou não gostar mais de votar, diferente da sua juventude, quando teve uma vida política mais agitada, trabalhando até como cabo eleitoral nas eleições de 1958. Nessa época, ela gostava de votar e dava muito valor. A razão de seu desgosto é a decepção com a atual cena política brasileira. Maldade e baixaria, onde deveria não ter, porque, na opinião de Augusta, os políticos têm estudo, são “da sociedade”, quase todos têm título de doutorado, mas se mostram piores que as “mulheres baratas

da favela”. “Eu dou graças a Deus não ser obrigada a votar mais. Digo com sinceridade do fundo do meu coração”.

Lucia, 86 anos

Lucia nos conta que não gosta muito de falar de política, no entanto, suas evocações do passado revelam outra coisa. Durante sua juventude, Lucia vivenciava o período eleitoral de uma maneira bem mais “agitada”. Oriunda do interior do Ceará, Maria morava perto de Capistrano* e votava naquele distrito. Explica a entrevistada que, naquela época, tinha muitos “interesses”: seu marido era candidato a vice-prefeito e eles organizavam vários comícios* em seu sítio. No dia da eleição, Lucia ficava “atrás de um, atrás de outro para votar”. Segundo sua opinião, as pessoas que moram no interior das cidades se envolvem mais nas eleições do que as pessoas “da capital”. Hoje seu único interesse é de dar seu voto. Afirmou com veemência que adora votar, nunca faltou a nenhuma eleição e frisou que irá votar até morrer.

Lucia acredita que a política como um jogo ao afirmar que quando um candidato é eleito, “ele não faz tudo que ele quer”: ele tem que fazer concessões, combinar com outras partes, etc.

Laura, 64 anos

Laura gosta de votar, apesar de não ter mais “precisão”. Ela afirma que, devido a sua experiência de vida, ela tem a possibilidade de enxergar melhor o que é bom e o que não é. Lembra os tempos da ditadura, tinha 14 anos na época e morava no Rio de Janeiro com a mãe, que acabou sendo perseguida porque dava comida aos estudantes de esquerda. “Você não queira saber como aquele tempo foi terrível. [...] Era uma guerra.”

Diferente das outras entrevistadas, Laura nos fala tanto de partidos (como o MDB e a Arena), como compara os governos de Fernando Henrique Cardoso - “que era muito parecido com a ditadura”, relatando sobre a seca no Nordeste - e de Luis Inácio Lula da Silva, responsável por um governo justo no qual as pessoas deixaram de morrer por fome. Alvo, segundo sua opinião, de uma perseguição

implacável. Para Laura, as pessoas estariam muito contaminadas por conta da imprensa, porque “você sabe que quando a imprensa quer, ela derruba mesmo”, afirmou a entrevistada.

Verifica-se nestas entrevistas que as senhoras apresentaram posturas que ora valorizam o ato de votar, seja por associá-lo ao lazer ou a uma ação cidadã, ora demonstram o desejo de não votar mais e uma descrença política mais acentuada.

Já nos dois grupos focais realizados na entidade filantrópica FECAPPES e no Programa Gente de Valor, respectivamente, as idosas foram questionadas se confiavam em mulheres como representantes políticas.

“Pesquisadora - Vocês confiam em um governante que seja mulher?

Carmen- Sim, sim.

Rita- com certeza.”

(Trecho do grupo focal realizado no dia 22/09/2016 – Programa Gente de Valor)

Pesquisadora- Vocês confiam em uma candidata, uma governante, que seja mulher?

Antonia- Eu confio.

Rosa- As mulheres tem um coração mais...[brando]

(Trecho do Grupo focal realizado no dia 24/08/2016 – FECAPPES)

Uma das senhoras que estava nesta seção do Grupo de interação afirmou que a Ex-Presidenta Dilma teria sido “tirada” do seu cargo apenas por “ser mulher”, que tal ato político foi uma “covardia”. Percebe-se, nesta fala, que a idosa compreende que o espaço da mulher na esfera política é restrito e passível de preconceitos e sanções.

Verifica-se a presença de um paradoxo nos discursos das senhoras de ambas as unidades de observação. Quando questionadas se confiavam nos políticos, de uma maneira geral, a maioria das idosas responderam negativamente. Elas alegaram que confiavam na mulher como governante, porém

também expressaram que “não se pode confiar mais em político algum”, por não cumprirem as promessas de campanha e devido às denúncias de corrupção.

Pesquisadora - E vocês confiam nos políticos?

Tereza- Não

Francisca- Não, porque eles não merecem mais.

Carmen- Eles não inspiram confiança.

Rita- Dizem uma coisa e fazem outra.

Isabel- E a roubalheira?

(Trecho do grupo focal realizado no dia 22/09/2016 – Programa Gente de Valor)

A desconfiança política, já debatida por diversos pesquisadores das ciências sociais e políticas, é uma característica do comportamento do eleitor brasileiro. As idosas estudadas apresentaram este mesmo posicionamento, agravados com os recentes escândalos de corrupção no cenário político nacional. Contudo, o objetivo desta investigação é compreender como as mulheres idosas percebem a questão de gênero e como este fator se manifesta em suas representações culturais e na definição de seus votos.

Vimos que, nos grupos focais, não houve uma variação nas respostas quando as senhoras foram questionadas se confiavam nas mulheres na política. As idosas enfatizaram acreditar no potencial da mulher. Mas esta seria realmente a expressão subjetiva de parcela significativa das idosas fortalezenses? Ou, inversamente, em outras associações ou em outros bairros, as repostas das idosas poderiam conter variações e oposições?

Neste sentido, vimos a necessidade de investigar a cultura política das idosas na interface com a questão de gênero, com o intuito de compreender se o sexo dos candidatos pode interferir ou não na decisão do voto. A pesquisa quantitativa favoreceu, portanto, uma investigação numericamente mais abrangente, não se restringindo, pois, as falas das idosas das duas entidades.

Após a análise das informações coletadas na etapa qualitativa, prosseguimos a pesquisa com a elaboração de um questionário preliminar. Os discursos mais recorrentes das idosas transformaram-se em opções de resposta de questões

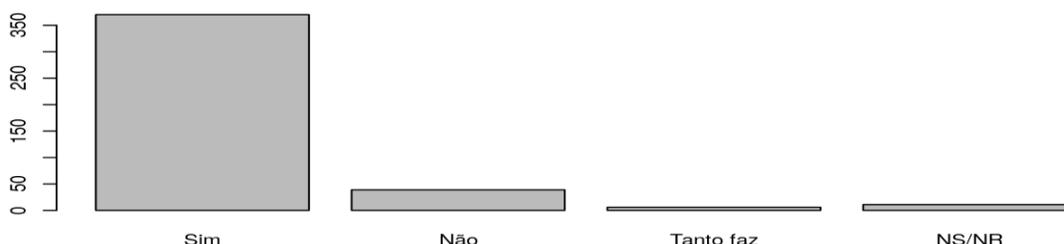
fechadas. Nos meses de dezembro de 2016 e janeiro de 2017 foi realizado o pré-teste do questionário em bairros da cidade de Fortaleza não selecionados para a etapa quantitativa.

O planejamento inicial foi realizar a pesquisa quantitativa em 40 bairros de Fortaleza, onde seriam aplicados 12 questionários por bairro, totalizando o número de 480. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) disponibiliza em seu endereço eletrônico a classificação dos bairros por renda familiar em ordem decrescente. Com o objetivo de comparar a influência das variáveis renda e escolaridade, foram escolhidos os 20 primeiros bairros desta escala, considerados como bairros de classe alta ou classe média, para a realização da pesquisa quantitativa. Os vinte bairros da periferia da cidade foram sorteados através do Programa R, software livre usado principalmente para analisar dados e testar variáveis em diversas áreas do conhecimento, o qual será utilizado também na etapa final da pesquisa. O sorteio dos bairros teve a finalidade de garantir a aleatoriedade da amostra. Contudo, devido a dificuldade de adesão das senhoras residentes nos bairros de classe alta, a pesquisa ocorreu, de fato, em 39 bairros e foram aplicados, no total, 427 questionários, nos meses de fevereiro a julho de 2017.

Os questionários continham, entre outras questões, duas perguntas que procuravam capturar o posicionamento subjetivo das senhoras acerca do gênero dos candidatos.

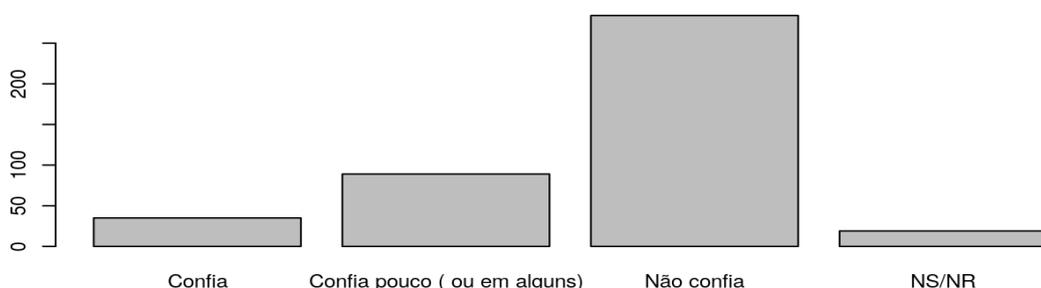
A análise dos dados ainda será iniciada, porém, é possível observar através das tabelas de frequência a seguir, qual argumento recebeu maior número de respostas.

Votar é um ato importante? 1. Sim 2. Não 3. Tanto faz 9. NS/NR



Você confia nos políticos?

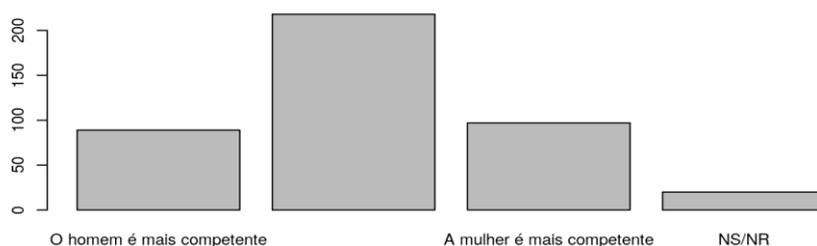
1. Confia 2. Confia Pouco/ Só em quem eu votei 3. Não confia 9. NS/NR



Observa-se nestas duas tabelas iniciais que há na cultura e no comportamento político das idosas a permanência do sentimento de desconfiança política, convivendo com a postura de que votar é algo importante. Apesar da “decepção” aprofundada com o aumento das denúncias de corrupção, divulgadas constantemente nos meios de comunicação, percebe-se que há ainda uma “esperança” na eleitora por considerar que através da voto, ela pode ajudar a melhorar o Brasil com a escolha de novos representantes.

Com qual frase você mais concorda?

1. O homem é mais competente que a mulher na política.
2. A mulher pode ser tão competente quanto o homem na política. Ou,
3. A mulher é mais competente que o homem na política.
9. NS/NR.

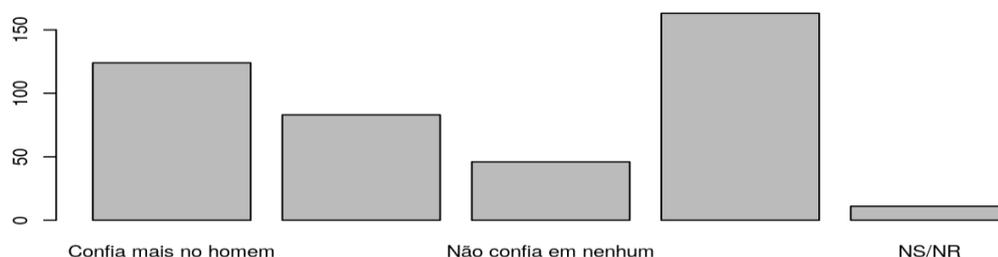


A maioria das idosas responderam enfatizando a igualdade de capacidade dos sexos de ocuparem cargos políticos e de o exercerem com competência.

Você confia mais em um candidato que seja homem ou mulher?

1. Confia mais no homem

2. Confia mais na mulher
3. Não confia em nenhum.
4. O sexo do candidato não importa. 9.NS/NR



Nesta segunda pergunta, a resposta “o sexo do candidato não importa” foi a mais escolhida pelas senhoras. Percebe-se que, o posicionamento “Confia mais no homem” surge em segundo lugar, em uma proporção numérica maior comparada à questão anterior. Observa-se, pois, que a maioria das idosas contatadas para a pesquisa consideram que o sexo do candidato não interfere na escolha do voto, pois ambos os sexos são vistos como competentes.

Contudo, durante a aplicação dos questionários, mediante conversas informais, as idosas que consideraram o homem ou a mulher mais competentes, expressaram argumentos que qualificavam o homem como o portador da “força”, como aquele que transmite mais “segurança”, como também acreditavam que a mulher teria maior capacidade por apresentar maior “sensibilidade” e ser mais “honestas”.

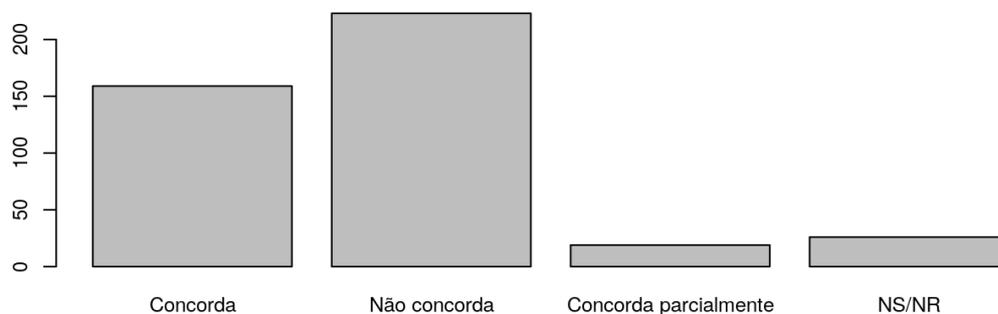
Entre as senhoras que consideram “os homens são mais competentes” foram mulheres, em sua maioria, com idade acima de 70 anos. E as idosas que responderam que “confiam mais na mulher” estavam, majoritariamente, na faixa etária entre 60 a 69 anos.

Investigamos também nos questionários qual a avaliação das senhoras sobre a gestão da Ex-Presidenta Dilma, que segundo a fala de algumas idosas na etapa qualitativa, foi “injustiçada” por causa do seu gênero.

Você concordou com o afastamento da Ex-Presidenta Dilma?

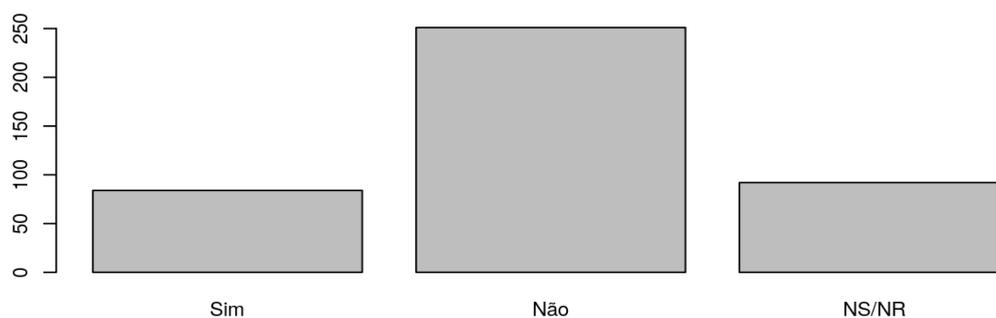
1. Concorda
2. Não concorda

3. Concorda parcialmente 9.NS/NR



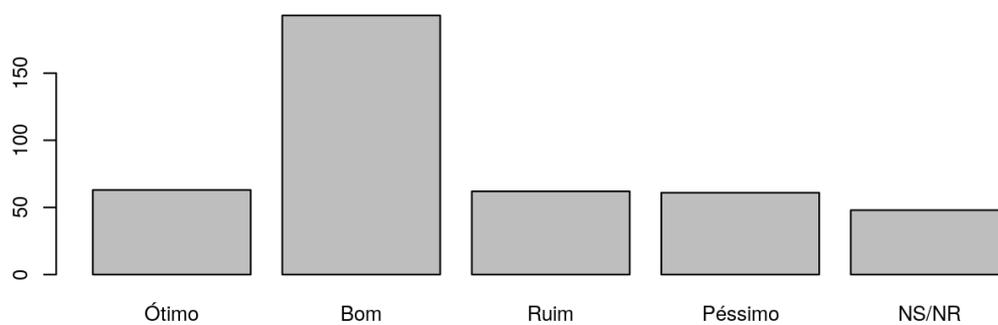
Na sua opinião, Dilma Roussef cometeu algum crime?

1. Sim 2. Não 9. NS/NR



Para você, o governo da Ex-presidenta Dilma foi ótimo, bom, ruim ou péssimo?

1. Ótimo 2. Bom 3. Ruim 4. Péssimo 9. NS/NR



Apreende-se, pois, que a Ex-Presidenta recebeu uma avaliação positiva das idosas estudadas, e, os dados coletados na pesquisa quantitativa corroboraram com os discurso das senhoras na etapa qualitativa, ao considerarem que a Ex-presidente fez um bom governo e foi “vítima de uma injustiça”.

SOBRE O COMPORTAMENTO POLÍTICO DAS IDOSAS E A QUESTÃO DE GÊNERO

Quando nos referimos ao comportamento político, o entendemos como um dos elementos da chamada cultura política, ou seja, “o conjunto de orientações subjetivas de cidadãos, inclusive valores, crenças e conhecimento sobre o sistema político”. (RENNÓ, 2001, p.34). A obra de *The civic culture: political attitudes and democracy in five countries* publicada por Gabriel Almond e Sidney Verba, em 1963, representa um marco na reflexão teórica sobre a cultura política. Estes autores defendiam a tese de que o comportamento político dos cidadãos está diretamente associado com a cultura política vigente em cada país (BORBA, 2005).

Há um consenso na maioria dos autores de que o comportamento do eleitor é influenciado pela sua cultura. A divergência estaria somente em qual dimensão teria maior relevância: a social-econômica, a psicológica ou a escolha racional. (FIGUEIREDO, 2008).

Para o modelo de explicação sociológica, o indivíduo, por estar inserido em determinado lugar na estrutura social: grupos, classes sociais ou partidos, tende a construir a sua postura ideológica e a escolher os seus candidatos mediante as interações do próprio grupo social que ocupa. O comportamento político do eleitor, segundo esta perspectiva, seria influenciado pelo contexto social em que o mesmo está inserido. As interações sociais seriam fatores predominantes na formação de opiniões e comportamentos individuais.

Para a escola psicológica, também conhecida como modelo de Michigan⁶, os indivíduos escolhem seus candidatos e aderem a um partido político, pautado nas suas preferências pessoais, crenças e laços afetivos (RADMANN, 2001). Este modelo não nega o contexto social em que os sujeitos se situam, mas sugere que desde a formação familiar, o sujeito recebe estímulos (a socialização política) e passa a construir um “sistema de personalidade”, que pautará a geração das suas opiniões e atitudes futuras na esfera política.

A teoria da escolha racional, contudo, propõe uma interpretação diferente acerca das razões que influenciam o comportamento eleitoral. Segundo esta teoria, os sujeitos são seres racionais, e, portanto, também no campo político, eles escolhem suas preferências partidárias e o seu voto *estrategicamente*. Elaborada inicialmente por Anthony Downs, este modelo afirma que a decisão do voto é feita pelo próprio indivíduo, onde ele mesmo escolhe em qual candidato votar baseado em cálculos, tais como: Qual candidato trará mais vantagens? Qual apresenta as melhores propostas? E qual possui mais chances de vencer as eleições? (FIGUEIREDO, 2008). Apesar do embate e da discussão entre estas três teorias, pesquisas recentes apontam consensos e regularidades no comportamento eleitoral dos brasileiros.

Diversos cientistas sociais, tais como Baquero (2003), Julian Borba (2005), Lucio Rennó(2001) e Elis Radmann (2001) relatam a tendência à personalização e a aprovação da “imagem” dos candidatos no processo de decisão dos seus votos. Ou seja, o eleitor identifica-se com o candidato em si, com seus atributos pessoais e não com o partido, desconhecendo, geralmente, o projeto político deste. Borba (2005) enfatiza:

“Observa-se que a decisão do voto, para a grande maioria do eleitorado, está fortemente estruturada pelas ‘imagens políticas’ e avaliações que o eleitor faz de algumas características pessoais dos candidatos em disputa.” (BORBA, 2005, p. 161)

⁶ Foi desenvolvido por pesquisadores da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, no final da década de 1950, com a publicação da obra “The American Voter” por Angus Campbell. Desenvolveram a técnica *survey* para a coleta de dados e a difundiram nas Ciências Sociais. (FIGUEIREDO, 2008) (BORBA, 2005).

Foi perceptível nas respostas das idosas a permanência desta característica do eleitor brasileiro: voto personalista, desvinculado, geralmente, de uma identificação partidária. Observemos a fala a seguir:

“Eu escolho o candidato pela vivência. Aquele candidato que eu conheço, que eu já sei o trabalho dele, já sei das suas atitudes. Conheço a família. Olho o que ele já desempenhou na sociedade, o papel dele na sociedade.” (Entrevistada I – Entrevista cedida à pesquisadora no dia 06/09/2016 - Programa Gente de Valor)

“Eu voto em qualquer partido. Eu voto na pessoa, não é no partido não”. (Entrevistada I – Entrevista cedida à pesquisadora no dia 01/09/2016 - Programa Gente de Valor).

Há um paradoxo no comportamento do eleitor brasileiro, segundo Radmann (2001), sobretudo naqueles que possuem baixa instrução política. Na visão da autora, o eleitor desconfia do sistema político, como também acredita que votar é um ato importante. O trecho da entrevista a seguir demonstra também a presença deste paradoxo:

“Votar é importante porque é um dever cívico. (...) Não confio em nenhum [político]. Precisa nem ser político. Quando eles chegam lá dentro, eles se corrompem.” (Entrevistada IV – Entrevista cedida à pesquisadora no dia 22/09/2016 - Programa Gente de Valor)

Para finalizar, cabe a questão: como podemos analisar o comportamento dessas eleitoras considerando a questão de gênero? Um dos primeiros pontos que devemos refletir é sobre a natural exclusão da mulher na esfera pública, fortalecendo a premissa que política é um “negócio de homens”. No entanto, como a outra citação presente no título remete que algumas mulheres idosas votariam em outras mulheres pelo fato de confiar na candidata única e exclusivamente pelo fato de ser mulher.

Biroli (2010), em seu artigo que relaciona estereótipos de gênero e competência política de mulheres através de notícias de revistas, enfatiza que a relação da mulher com a vida privada é a espinha dorsal desses estereótipos, como posto anteriormente. Segundo a autora, a oposição entre o lado feminino e o

espaço privado e de outro, o masculino e o espaço público confirma divisões e hierarquias que colaboram para a marginalização das mulheres da e na esfera política. A mídia analisada, por sua vez, trabalha com filtros que reafirmam de diversas formas as separações tradicionais que associam as mulheres à esfera doméstica e íntima, à emotividade e ao corpo. Perguntadas nas entrevistas se confiavam em candidatas mulheres, a maioria disse que sim, que confiava e uma delas acrescentou: “As mulheres têm um coração mais...” e deixou a frase sem conclusão, mas insinuando a relação do sexo feminino com lado afetivo e emotivo.

Assim, o desinteresse pela política, a falta de habilidade para o exercício de cargos públicos e o não-pertencimento à esfera política em sentido estrito conectam-se a discursos regulares, mas nem sempre se apresentam de forma homogênea (BIROLI, 2010).

Podemos afirmar ainda que, provisoriamente, há na esfera cultural das idosas estudadas a presença do voto personalista, da descrença e desconfiança política, aliadas ao sentimento de que votar é um ato importante. Porém, esta “importância” é exposta através do discurso das interlocutoras, ora ao ser citada a obrigação eleitoral e os mecanismos estatais de punição, ora pela afirmação de que votar é um gesto de cidadania, por meio do qual serão escolhidos os representantes políticos do país.

Uma parcela das idosas têm afirmado que confiam mais no homem na política, ou seja, acreditam que este atuaria de forma mais competente neste cenário. Outra vertente dos discursos enfatiza que as “mulheres são melhores que os homens” na política por serem consideradas mais honestas e eficientes.

A maioria das idosas com idade acima de 70 anos, pertencentes às duas entidades, afirmaram que gostam de votar e continuarão votando até o fim da vida. As motivações que explicam o “gostar de votar” entre as idosas, qual o comportamento predominante delas ao escolherem seus candidatos, e como a questão do gênero se apresenta na esfera político-cultural das senhoras são alguns fatores que investigaremos nos próximos meses desta pesquisa.

Um traço comum entre as entrevistadas foi o sentimento de solidariedade à ex-presidenta Dilma Rousseff. Segundo elas, o impeachment ocorrido no ano

passado não foi “justo”; na realidade, Dilma teria sido alvo de inveja pela sua posição política e pelo fato de ser mulher. Em contrapartida, a hostilidade ao atual presidente Michel Temer também estava presente nas falas, juntamente com uma avaliação negativa de sua gestão.

Os tópicos a seguir são ilustrados com as falas de idosas que demonstraram preferências relacionadas ao sexo na hora de votar. A maioria dessas informações foram colhidas de maneira informal durante a aplicação dos questionários.

“POLÍTICA É COISA DE HOMEM” - O QUE DIZEM AS IDOSAS QUE PREFEREM VOTAR EM HOMENS

Como afirma Biroli (2010), a naturalização da exclusão das mulheres da esfera pública e, particularmente, dos cargos políticos efetivos, se constitui como um fator de legitimação da política como “negócio de homens”. As mulheres não estariam interessadas pelos debates políticos e, menos ainda, por participar da política de maneira institucionalizada porque estariam, naturalmente, voltadas à valores mais tradicionais, tais como, a vida privada, a esfera doméstica, a maternidade. Biroli (2010) ainda ilustra a questão citando uma matéria da revista *Veja*, de 26/07/2006, na qual foi divulgada com o seguinte título: “Política é coisa de homem?”. A matéria explicava que “de acordo com a lei eleitoral, os partidos políticos devem reservar 30% das vagas a que têm direito nas eleições para mulheres que querem ser candidatas” é acompanhada da afirmação de que a regra “não tem respaldo na realidade” porque “o interesse feminino pela política é muito menor que o masculino”.

Numa outra reportagem veiculada na mesma data que a acima, esta dedicada a então candidata à presidência da República Heloisa Helena. Ela é apresentada como “uma das poucas (mulheres) que gostam de política”. “No material, seu caráter é associado ao afeto, à impulsividade e à honestidade, com críticas ao que seria um radicalismo sem lugar no presente. De um lado, o radicalismo está associado a uma postura “Cabra-Macho”; de outro, sensibilidade,

honestidade e suavidade aparecem ligadas a alguma essência feminina ou a representações convencionais da feminilidade”.

Situando tais pressupostos no âmbito da pesquisa, as frases “ Não boto fé em mulher não” / “ O homem é mais forte” ilustram de maneira clara a opinião das interlocutoras acerca de suas justificativas. Nos discursos das idosas, que expressaram a preferência por candidatos homens, estão presentes os seguintes argumentos: o homem “é mais forte e mais inteligente”. Apesar de serem mulheres, elas acreditam que os homens executariam melhor a função de ser um representante político. “Eu sou mulher, mais boto fé mais no homem”, resumem a segurança que esta parcela das eleitoras sentem dos homens governantes. As mulheres, segundo estas senhoras, poderiam “desistir do cargo”, e com os homens este risco não ocorreria pois são os detentores da força, como o exemplo acima de Heloisa Helena e a figura do Cabra-Macho corroboram. A Ex-presidenta Dilma também é citada como um exemplo de que a mulher seria menos competente.

“EU CONFIO MAIS NA MULHER” - QUAIS OS MOTIVOS DAS IDOSAS QUE DEFENDEM O VOTO NAS MULHERES

Seguindo na mesma linha da teoria explicitada, a principal razão para justificar o voto nas mulheres seria a questão da sensibilidade: “ A mulher tem um coração mais brando, melhor”; “ A mulher tem mais sensibilidade”; “ [A mulher] tem mais sensibilidade, vivencia melhor os problemas”, “ A mulher é mais sensível, mais competente.”; “ A mulher vê o mundo por dentro e o homem vê o mundo por fora. A mulher tem mais sensibilidade.” são alguns dos exemplos que ilustram tal afirmação. Reparem que ao comentar sobre a mulher é sempre utilizando o adjetivo mais, denunciando que o parâmetro comparativo a ser utilizado é o sexo oposto, o homem. A sensibilidade apontada como vantagem revela ainda a ideia de que a mulher não teria a coragem, seria incapaz de roubar como os políticos homens estão fazendo - “ A mulher ia roubar menos. A mulher sempre faz alguma coisa.” ou “Ela [a mulher] não vai fazer os roubos que eles estão fazendo.”.

O segundo motivo mais apontado foi que a mulher é mais responsável que o homem e mais competente em tudo: é mãe, trabalhadora e estuda. Ela cumpriria

melhor os seus deveres, porém a sociedade não aceita, é tanto que ela não tem espaço e a mulher que conseguiu alcançar o posto, o Brasil não permitiu que ela ficasse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação, de natureza qualitativa e quantitativa está em andamento, onde a análise dos dados será iniciada. Podemos afirmar, provisoriamente, que há na esfera cultural das idosas estudadas a presença do voto personalista, da descrença e desconfiança políticas, aliadas ao sentimento de que votar é um ato importante.

Em relação a compreensão que as idosas possuem sobre o gênero dos candidatos e qual seria o mais apto para exercer a função de dirigente político, verifica-se que o argumento que traduz a igualdade dos sexos na política, “todos são iguais”/ “ os dois são competentes”, foi o que apresentou maior percentual nas respostas, somando os 427 questionários aplicados.

Contudo, mesmo que o posicionamento de igualdade tenha surgido como predominante no comportamento político das mulheres idosas estudadas, a análise dos discursos das senhoras que responderam expressões opostas (“Boto mais fé no homem” / “ o homem é mais forte”/ “confio mais na mulher”/ “ a mulher é mais competente”), demonstraram elementos subjetivos que apontam como a sociedade ainda é permeada de estereótipos de gênero que influenciam no comportamento eleitoral de parcela das eleitoras idosas, uma vez que, para elas, o gênero é significativo e relevante na escolha de seus candidatos.

Nos próximos meses, faremos a análise dos dados quantitativos, interpretando-os à luz das informações já coletadas na pesquisa qualitativa. Desejamos verificar quais variáveis podem exercer um impacto positivo ou negativo, tanto sobre a atitude de igualdade entre os gêneros na esfera política, quanto nas posturas de quem prefere governantes somente do sexo masculino ou feminino. Pretendemos aprofundar, também, a discussão teórica, articulando-a com os resultados encontrados.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L.F; COUTINHO, M.P. L; CARVALHO, V.A.M.L. **Representações Sociais da Velhice entre idosos que participam de Grupos de Convivência**. Revista Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 25, n.1, p.118 -131, 2005.
- BAQUERO, Marcello. **Construindo uma outra sociedade**: o capital social na construção da política participativa no Brasil. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, n. 21, p. 83-108, 2003.
- BORBA, Julian. **Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral**: alguns apontamentos teóricos sobre o caso brasileiro. Revista Opinião Pública, Campinas, Vol XI, n.1, p. 147-168, 2005.
- BIROLI, Flávia, « Mulheres e política nas notícias: Estereótipos de gênero e competência política », **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 90 | 2010, colocado online no dia 15 Outubro 2012, criado a 30 Setembro 2016. URL : <http://rccs.revues.org/1765> ; DOI : 10.4000/rccs.1765
- BRASILEIROS estão entre os mais céticos com política na região, diz estudo. **Folha de São Paulo**. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1757330-brasileiros-estao-entre-os-mais-ceticos-com-politica-na-regiao-diz-estudo.shtml>>. Acesso em: 10/08/2017.
- CASTRO, M. M. M de. **Sujeito e estrutura no comportamento eleitoral**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 20, 1992.
- ELEITORADO idoso cresce, e candidatos formulam propostas para o segmento. **G1**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/08/eleitorado-idoso-cresce-e-candidatos-formulam-propostas-para-o-segmento.html> > . Acesso em: 21/09/2015.
- ESTATÍSTICAS eleitorais. **Tribunal Superior Eleitoral**. Disponível em: < <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas>>. Acesso em: 10/08/2017.
- FIGUEIREDO, Marcus. **A decisão do voto**: democracia e racionalidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2 ed, 2008.

IDOSOS já são 13% da população e país tem menos crianças, diz PNAD. **G1**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/09/idosos-ja-sao-13-da-populacao-e-pais-tem-menos-criancas-diz-pnad.html>>. Acesso em: 18/08/2016.

MOISÉS, J.A. **A desconfiança nas instituições democráticas**. Revista Opinião Pública, Campinas, v. 11, n. 1, p. 33-63, março. 2005.

NÚMERO de idosos quase triplica no Brasil. **ZH Vida**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/vida/noticia/2015/09/numero-de-idosos-quase-triplicara-no-brasil-ate-2050-afirma-oms-4859566.html>>. Acesso em: 01/10/2015.

PNAD: mulheres são maioria entre pessoas com mais de 60 anos. **Demografia Unicamp**. Disponível em: <https://demografiunicamp.wordpress.com/tag/pnad-2013-pesquisa-nacional-de-amostras-de-domicilios>>. Acesso em: 01/10/2015.

PRESIDENTE do TSE anuncia aumento de 5,17% no eleitorado brasileiro. **Tribunal Superior Eleitoral**. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2014/Julho/presidente-do-tse-anuncia-aumento-de-5-17-do-eleitorado-brasileiro>>. Acesso em: 18/08/2016.

PROGRAMA Gente de Valor. **Prefeitura de Fortaleza**. Disponível em: <<http://catalogodeservicos.fortaleza.ce.gov.br/portal/categoria/social/servico/281>>. Acesso em: 18/08/2016.

RADMANN, Elis R.H. **O Eleitor Brasileiro**: uma análise do comportamento eleitoral. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.

RENNÓ, L. R. **Confiança Interpessoal e Comportamento Político**: microfundamentos da teoria do capital social na América Latina. Revista Opinião Pública, Campinas, v. 7, n.1, p. 33 -59, 2001.

SALGADO, C.D.S. **Mulher idosa**: a feminização da velhice. Revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v.4, p. 7 -19, 2002.